

A PRESENÇA DA ORDEM DOS FRADES MENORES NAS MINAS GERAIS DO BRASIL COLÔNIA¹

LA PRESENCIA DEL ORDEN DE LOS FRAILES MENORES EM MINAS GERAIS DEL BRASIL COLONIA

Eduardo Vely de Mesquita²
Prof.^o Luiz Antônio Pinheiro (Orientador)³

Resumo: *A presença dos frades menores, durante o período de colonização em Minas Gerais, influenciou significativamente a formação da religiosidade e piedade popular, bem como na organização eclesial da Igreja particular. O trabalho dos frades esmoleres junto aos comissariados da Terra Santa, Irmandade da Terra Santa e nas fraternidades da Venerável Ordem Terceira de São Francisco traz uma forte marca do jeito e da evangelização franciscana. Marca essa que foi traduzida nas construções de igrejas, conventos e hospícios que irradiavam cultura, espiritualidade e religiosidade.*

Palavras-chave: Franciscanos, História da Igreja colonial, Espiritualidade.

Resumen: *La presencia de los frailes menores, durante el período de colonización en Minas Gerais, influyó significativamente la formación de la religiosidad y la piedad popular así como en la organización eclesial de la Iglesia particular. El trabajo de los frailes esmolares junto a los comisariados de la Tierra Santa, la Hermandad de la Tierra Santa y en las fraternidades de la Venerable Orden Tercera de San Francisco trae una fuerte marca de la manera y de la evangelización franciscana. Que fue traducida en las construcciones de iglesias, conventos y hospicios que irradiaban cultura, espiritualidad y religiosidad.*

Palabras claves: Franciscanos, Historia de la Iglesia colonial, Espiritualidad.

INTRODUÇÃO

No ano de 1500, Portugal toma posse oficialmente das terras brasileiras. Junto da esquadra de Pedro Alvares de Cabral, encontravam-se alguns frades franciscanos, entre eles estava Frei Henrique de Coimbra que presidiu a primeira missa em território brasileiro. A presença franciscana no Brasil remonta desde a sua origem até os dias de hoje, fato que influenciou em muito a vida eclesial e a religiosidade popular brasileira, sobretudo em Minas Gerais.

¹ Artigo a ser apresentado junto à secretaria do Instituto Santo Tomás de Aquino como trabalho final do programa de “Bolsa de Iniciação Científica” deste mesmo instituto.

² Graduando no curso de bacharelado em Teologia pelo Instituto Santo Tomás de Aquino.

³ Mestre em Teologia e Ciências Patrísticas pelo Institutum Patristicum Augustinianum (1998), Roma e professor do Instituto Santo Tomás de Aquino.

Desde a grande explosão da descoberta do ouro em Minas Gerais até a chegada da família real ao Brasil, era vetada aos religiosos a entrada no território mineiro. Essa proibição reside no fato de os religiosos prestarem obediência ao seu superior e atrelados diretamente ao governo da coroa pelo sistema de padroado. O clero era ligado diretamente ao governo como uma espécie de servidor público. O rei apontava os bispos e pagava o salário dos padres dentro do predito regime. Contudo muitos religiosos agiam contra os interesses do governo, como na resistência à escravização dos indígenas e na observância dos bons costumes civilizatórios.

Havia, no entanto, uma classe de religiosos que podia entrar em Minas Gerais: os frades franciscanos que trabalhavam como esmoleres da Terra Santa. Tais religiosos tinham recebido do Papa a missão de arrecadar fundos para os locais sagrados e as famílias cristãs da Terra Santa. Por isso, em Minas houve uma presença significativa dos frades franciscanos. Havia casas franciscanas que estavam ao serviço do comissariado da Irmandade da Terra Santa em Sabará, Ouro Preto e São João del-Rei.

Devido a uma pequena presença do clero secular, os frades tiveram um papel importante na evangelização e formação religiosa na vida mineira. Muitas vezes, os frades eram mediadores entre o rei, o alto clero e o povo simples, como no caso do santuário do Bom Jesus de Matozinhos, em Congonhas do Campo, em que os frades do comissariado de Ouro Preto ajudaram e enviaram uma carta ao rei, pedindo recursos para a construção desse santuário.

Além do mais, os frades franciscanos eram assistentes espirituais das Veneráveis Ordens Terceiras de São Francisco, em Diamantina, Ouro Preto, Mariana, São João del-Rei, Sabará e outros lugares.

No campo da religiosidade popular, os franciscanos tiveram uma grande importância. Primeiro, na propagação da devoção em torno de seus santos como Santo Antônio, São Benedito, São Pedro de Alcântara (Padroeiro do Brasil), Santa Clara, São Luiz rei da França, entre outros, e o seu fundador São Francisco de Assis. Mas eles também tiveram grande importância na expansão das devoções ligadas à paixão e morte de Jesus que tem um caráter também da Terra Santa, como a devoção a Nossa Senhora das Dores, N. S. da Piedade (padroeira de Minas), Bom Jesus, a Via-Sacra entre outros. Os franciscanos tiveram ainda grande importância tanto no dogma quanto na propagação do título de Nossa Senhora da Conceição; título este muito presente na religiosidade brasileira em geral. Dentre as devoções marianas, o título da Imaculada Conceição é particularmente caro à piedade franciscana.

1 DA INTUIÇÃO PRIMEIRA ÀS INSTITUIÇÕES

A cidade de Assis, nos vales da Úmbria, Itália, é uma antiquíssima cidade que remonta aos tempos romanos. “Sua posição geográfica à meia costa do monte Subásio, estava na Idade Média colocada em um ponto de grande importância estratégica para o controle das estradas que de Foligno levam a Perúgia ou que chegam até Espoleto” (MANSELLI, 1997, p.30). Espoleto, por sua vez, era sede do ducado imperial e exercia grande influência sobre toda a região. Mas por um privilégio imperial assinado por Frederico Barbaroxa em 21 de novembro de 1160, a cidade de Assis recebia autonomia, permitindo-lhe um desenvolvimento interno e destaque maior no que tange à política da cidade.

Do alto do monte, o castelo de *Rocca Maggiore* se erguia para proteger a cidade que era erigida sob seus pés, na encosta escarpada do monte Subásio até sua base. Nos vales das cercanias, os campos de trigo e os parreirais de uva, cresciam sob o sol e depois eram guardados nos celeiros. Nas estradas, surgia o movimento dos campônios com seus rebanhos e das carroças abarrotadas dos comerciantes.

A cidade de Assis é berço de poetas como Propércio, que desde os tempos romanos encantava as pessoas com o estilo de seus versos. Contudo outro poeta tem encantado mais que outros por escrever com a própria vida os versos de amor a Deus e ao próximo. Com toda certeza, Francisco de Assis é bem mais conhecido pelo seu despojamento e amor a Cristo e sua criação do que outros poetas com suas canções. O hábito⁴ marrom remendado e simples de pano rústico e cor marrom com o cordão e os pés descalços completavam a voz daquele que elevava a Deus os louvores. Tanto que em 1209 o seu canto chega até a Cúria Romana. Francisco de Assis e seus primeiros companheiros recebem do Papa Inocêncio III a permissão oral para viver segundo o “Santo Evangelho”. Assim, surge a Ordem dos Frades Menores (OFM) ou também conhecida como Ordem dos Franciscanos. Esse pequeno grupo (no início) cresceu ouvindo o evangelho sobre o envio dos discípulos de maneira pobre, sem dinheiro, cado ou duas túnicas, vivendo de modo humilde e comendo o que povo servisse. “O homem de Deus ainda não pregava ao povo. No entanto, quando eles transitavam pelas cidades e aldeias, [Francisco] exortava os homens e as mulheres a temerem e amarem o criador do céu e da terra e a fazerem penitência de seus pecados” (TEIXEIRA, 2008, p. 769).

Se no início o grupo de seguidores de Francisco se constituía de um número bem reduzido, não demorou muito e em poucos anos depois, reuniram-se aproximadamente cinco

⁴ Veste talar de uso comum dos religiosos consagrados.

mil frades na cidade de Assis para celebrar o Capítulo⁵ de Pentecostes. O número era de tal forma inesperado e grande que a população da cidade, comovida, contribuiu para a alimentação do enorme grupo de frades que dormiam sob esteiras, por isso a capítulo que era realizado todos os anos ficou conhecido como capítulo das esteiras.

Além do ramo masculino, presente na Ordem dos Frades, algumas mulheres também quiseram seguir os passos descalços de Francisco. A primeira mulher a segui-lo foi Clara de Favarone de Offreducio, uma nobre da elite assisense. A contragosto da família da nobre, Francisco corta os cabelos de Clara em sinal de consagração a Deus em 18 de março de 1212. Santa Clara de Assis expressa uma das grandes vertentes da espiritualidade franciscana. Ela é considerada mãe e cofundadora do movimento franciscano⁶. Seu zelo, tanto pela pobreza quanto pela penitência, transparece junto com seu ardor e fé em diversos escritos de próprio punho. Diferente dos frades que possuíam um caráter de peregrinos, as irmãs de Santa Clara (Clarissas) viviam no recolhimento do mosteiro de São Damião (mosteiro este que foi erguido pelo próprio São Francisco). Depois da morte do patriarca, Clara foi o baluarte do espírito originário do movimento.

Todavia o encantamento pelo modo de vida franciscana não encantou apenas jovens, solteiros ou viúvos, mas também pessoas casadas. Por isso, em meados de 1221, o casal Luquézio e Buonadona são acolhidos por Francisco, de modo a viverem no matrimônio, e no meio das tarefas diárias, uma vida de testemunho e amor.

Com efeito, ordenou três Ordens: a Ordem dos Frades Menores [...]; também a segunda das pobres damas e virgens com ele teve o feliz início. E ainda a terceira, de não menor perfeição, é chamada de Ordem dos penitentes, que, comum a clérigos e a leigos, virgens e casados continentes, abrangem de forma salvífica ambos os sexos (ESPIRA, apud MERLO, 2005, p. 149).

Assim se deu início à Terceira Ordem Franciscana. Nela se encaixa a Ordem Franciscana Secular (OFS) que no passado fora conhecida por Venerável Ordem Terceira da penitência de São Francisco de Assis. A OFS é composta de fraternidades de cristãos leigos ou

⁵ Assembleia de caráter deliberativo que era realizada todos os anos pela data de Pentecostes. Atualmente o Capítulo é celebrado a cada três ou seis anos.

⁶ Aqui usamos o termo “Movimento Franciscano” para aludir ao conjunto dos diversos grupos que compõem a Família Franciscana. Sejam do terceiro ramo, formados por membros das ordens terceiras e dos frades da Terceira Ordem Regular (TOR); dos institutos femininos ligados a Santa Clara ou a São Francisco, bem como os ramos masculinos que são compostos dos grupos dos Frades Menores Conventuais, dos Frades Menores Capuchinhos e dos Frades Menores. Este último grupo do terceiro ramo é conhecido popular e historicamente como franciscanos. Nossa pesquisa privilegia essencialmente esse terceiro grupo devido a questões históricas.

presbíteros diocesanos que, no seio de suas famílias, paróquias e comunidades, vivem segundo a espiritualidade franciscana. Também nesse bojo se encaixam uma gama de congregações religiosas (masculinas e femininas), que seguem a espiritualidade de Francisco e Clara de Assis. Nela há lugar para todos; sejam jovens e idosos, homens e mulheres, solteiros, casados, viúvos e celibatários.

O movimento de São Francisco traz uma grande novidade. Isso se deve ao modelo de vida consagrada que estava delineado pelo modelo monástico. O mosteiro era em geral uma propriedade rural ou semirural com extensões de terra. O monge moraria no mosteiro por toda sua vida e, com raras exceções, não poderia sair, inclusive era sepultado no claustro, cripta ou cemitério do mosteiro após sua morte. Embora o monge vivesse de um modo simples e humilde, o mosteiro, por sua vez, poderia acumular grandes riquezas. Contudo o estilo de vida de São Francisco era justamente o contrário, baseando-se em uma espiritualidade de desapego, tanto de bens materiais quanto de lugares. Por isso, os frades possuíam uma vida eremítica e retirada, austera e penitencial.

A reforma monástica promovida por Francisco de Assis foi uma das mais expressas na história da vida consagrada. O ideal proposto por ele era de difícil realização, e as sucessivas gerações de frades tenderam pouco a pouco para formas de acomodação, surgindo, assim, períodos de reformas na Ordem. Mas o espírito franciscano continuou sendo uma simetria de uma fecunda diversidade de formas de vida religiosa multiplicadas através dos séculos, pelas diversas religiões do mundo (AZZI, 2012, p. 26).

Alguns anos após a morte de Francisco, os frades da segunda e terceira geração começam a divergir em dois grupos quanto à matéria de observância da regra de vida deixada por Francisco. O primeiro grupo é intitulado pelos estudiosos como frades da comunidade, o qual mais tarde dará origem ao grupo dos conventuais. O segundo grupo é conhecido inicialmente por frades espirituais, porém, mais tarde, dará lugar aos grupos dos observantes espirituais e reformados. Estes últimos pregavam a observância estrita da regra e uma vida de pobreza extrema e penitencial. Já o primeiro grupo buscava uma vida aos moldes monásticos dentro dos conventos. Além do mais, acreditava que a pobreza deveria ser pessoal e não institucional, assim como na maioria dos mosteiros. A regra de vida, por sua vez, deveria ser atualizada por constituições.

Os termos da querela podem parecer simples, mas, de fato, eles tocavam em questões bem caras para os franciscanos que buscavam uma observância dos costumes e da espiritualidade vindoura de Francisco e Clara de Assis.

Os ânimos de ambos os lados se inflamaram, de tal modo que as disputas internas chegaram a pontos extremos como encarceramentos e expulsões de membros. O conflito variou de intensidade, com maior ou menor força, dependendo de quem fosse o Ministro Geral⁷ à frente do governo da época. Esse conflito interno gerou grande desconforto até o ano de 1517, quando o Papa Leão X, por meio dos documentos “*Ite vos*” e “*Omnipotens Deus*”, promove a gradual divisão em duas Ordens.

Embora nominalmente a *Ite vos* fosse chamada de “bula da união (bullae unionis)” e a *Omnipotens Deus* de “bula de concórdia (bullae concordiae)”, mediante as decisões de 1517, a Ordem dos Frades Menores saía dividida no plano institucional e organizativo. A divisão é bem sintetizada nas expressões que definiam os respectivos cargos máximos [...] tanto a definitiva passagem do selo “de toda Ordem (totis Ordinis)” dos conventuais para os observantes, a 6 de junho de 1517 (MERLO, 2005, p. 247).

Surgem com esses dois documentos, a Ordem dos Frades Menores Conventuais (OFM Conv.) e a Ordem dos Frades Menores de São Francisco da Regular Observância. Aos cuidados desta última, ficaram os locais sagrados para os cristãos na Palestina, também chamada de Terra Santa.

“Contudo existia uma minoria vivendo o franciscanismo de outras formas: não em meio à multidão, mas no deserto” (MERLO, 2005, p. 248). Essa forma de viver o carisma franciscano no recolhimento de eremitérios atraiu alguns grupos de frades. Até mesmo São Francisco viveu por certo tempo em eremitérios nos arredores de Assis, chegando a escrever uma “regra de vida” para eles.

No ano de 1552, frei Mateus de Bascio, movido por um sonho⁸ de viver com mais radicalidade “obteve, com facilidade, de Clemente VII a permissão, *vivae vocis oraculo*, para observar a regra segundo seus desejos, vestir o hábito que já levava e andar pregando por toda parte” (IRIARTE, 1985, p. 241). Logo outros frades seguiram os passos de frei Mateus, pedindo ao Ministro Provincial (superior regional) para viver também com mais austeridade em eremitérios. Esse fato acabou gerando novamente outras querelas internas, ainda mais porque o grupo de Bascio aumentava consideravelmente, encontrando muitos adeptos. Ele também contava com simpatizantes de grande importância política e social. Uma das simpatizantes era a duquesa de Camerino, Catarina Cibo, que acabou levando a questão emblemática, e intercedendo a favor do grupo, junto a seu tio, o Papa Clemente VII. “Depois de prudente

⁷ Superior geral encarregado de governar toda a ordem com seus frades e posses.

⁸ Trata-se literalmente de um sonho no qual São Francisco pedia ao frade para viver de modo mais radical a Regra sob um hábito com capuz em forma de pirâmide.

exame, o Papa expediu a bula *Religionis zelus* (3 de junho de 1528) que dava existência jurídica a nova fraternidade. A Ordem capuchinha estava fundada” (IRIARTE, 1985, p.243). A bula de Clemente VII permitia observar a Regra de São Francisco com mais radicalidade, viver em eremitérios, usar barba⁹, pregar ao povo e usar um hábito com capuz pontudo em forma de pirâmide, fato que deixou a nova Ordem conhecida como Ordem dos Frades Menores Capuchinhos (OFM Cap.)

As questões, no entanto, não paravam por aí. Ao longo dos próximos séculos, todos os três ramos começaram a experimentar um aumento ainda maior no número de vocações. Contudo, no ramo dos Frades Menores de São Francisco da Reg. Obs., alguns grupos quiseram buscar uma vivência maior da Regra e do espírito de pobreza. Assim, esses grupos, ainda sobre a obediência do Ministro Geral e vestindo o mesmo hábito (variando na cor), começaram a viver e se autointitular de: Franciscanos Reformados, Recoletos, Alcantarinos, Descalços e outros. No Capítulo Geral de 1862, “o Pe. Fulgêncio de Turim havia feito uma exposição, pedindo a união das quatro famílias, observantes, reformados, descalços e recoletos, sob a única denominação de “franciscanos” e dentro do mesmo regime hierárquico” (IRIARTE, 1985, p. 262). Contudo quem contribuiu para uma reunificação profícua foi o Papa Leão XIII, que apresentou a proposta no Capítulo Geral de 1895. Desta forma, por meio da constituição apostólica *Felicitate quandam* de 4 de outubro de 1897, Leão XIII decretava solenemente a reunificação sob a denominação de Ordem dos Frades Menores (OFM) e na observância das mesmas constituições, além da padronização do mesmo hábito de cor castanha para todos.

Embora todos os frades da primeira Ordem pertençam ao carisma e à família franciscana, eles ficaram popularmente conhecidos como “Conventuais” e “Capuchinhos”. Já o outro grupo ficou conhecido popularmente como “franciscanos”. Isso ocorreu, em parte, pela influência da carta “*Ite vos*”, pois nela o Papa Leão X pretendia que os frades dos diversos grupos, que buscavam a vivência radical da Regra, fossem chamados por um único nome: Frades Menores de São Francisco da Reg. Obs. (das três Ordens a única que levava no nome a citação a São Francisco). Outra questão se trata da facilidade de pronunciar um “apelido” no lugar de um “nome completo e extenso”, assim a abreviação de “franciscanos” se adequou mais.

Até agora traçamos uma breve e bem limitada história da família franciscana e da formação da primeira Ordem. Não quisemos nos alongar em demasia pois nosso texto tem outro objetivo.

⁹ Os franciscanos em geral, como em outras Ordens religiosas, não podiam usar barba, pois acreditava-se que esta era considerada como vaidade humana e por isso era prejudicial à vida espiritual.

2 DO VELHO MUNDO PARA O BRASIL

Sempre estiveram no cerne da Igreja Católica as chamadas missões *ad gentes*. Encontramos nas Sagradas Escrituras a forma como a Igreja primitiva se relacionou com o anúncio da Palavra e do Reino de Deus. Os franciscanos igualmente se dedicaram a missão de pregar a boa-nova do Evangelho aos povos e pessoas simples de coração. Dessa forma, eles se alinhavam com a vida dos primeiros discípulos, pondo em prática, o mandato de Marcos 16,15 “ide por todo mundo, proclamai o evangelho a toda criatura” (BÍBLIA, 2004, p.1785).

Talvez isso ocorra pela própria forma de vida, pois o desapego material e a pobreza são incentivos a um constante lançar-se ao novo, como também no próprio carisma, afinal a própria regra traz um capítulo destinado a tratar daqueles que partem em missão e da forma de anunciar os valores do Reino de Deus.

De uma forma peculiar, os franciscanos se espalharam, desde o início da Ordem, pelas partes do mundo conhecido: África, Ásia e Europa. Mas também não é de se estranhar que eles estivessem também presentes nas embarcações aventurescas dos desbravadores portugueses e espanhóis.

Assim, eles estavam no ato da descoberta da América e do Brasil. No seu livro, o clérigo diocesano José de Souza Amado (1876, p. 144) escreve sobre a história da Igreja em Portugal e suas colônias:

Oito annos depois que o franciscano hespanhol frei João Peres, companheiro de Christovão Colombo, celebrou a primeira missa na ilha de São Salvador (Lucoias) na América septemtrional, um dos franciscanos portugueses, companheiros de Pedro Alvares Cabral, disse a primeira missa na América meridional no sitio a que o descobridor poz nome de Porto Seguro, e a toda aquella região de Santa Cruz (24 de abril de 1500) [Sic].

Belas páginas missionárias escreveram os franciscanos nas terras do Brasil, onde foram os primeiros entre os primeiros missionários, cabendo a um franciscano, frei Henrique de Coimbra celebrar a primeira missa na nova terra, tão simbolicamente chamada de Vera Cruz, e depois de Terra de Santa Cruz (WILLEKE, 1974, p. 8).

Presentes, desde as esquadras de Cristóvão Colombo e Pedro Alvares Cabral, nos idos de 1492 e 1500, até hoje os franciscanos influenciaram a arte, a cultura, a moral, o comércio, a academia e sobretudo a religiosidade que vinham da Europa para o novo mundo pelas mãos colonizadoras.

Durante todo o processo de colonização da América, esteve adjunto o movimento franciscano nas mais diversas regiões. De norte a sul, de leste a oeste emergiram missionários, leigos e clérigos para fazer soar o sino que chamava para Deus. Missões como na região brasileira e também da Califórnia, México, Bolívia, Equador, Peru, Chile e Argentina, entre outras. Nas terras brasileiras chegavam primordialmente frades de origem portuguesa devido ao sistema de padroado vigente na época. Tanto o clero diocesano quanto as Famílias Religiosas¹⁰ eram organismos que compunham a “*longa manus*” do monarca e do governo régio. “No século XVI prevaleceram as missões avulsas de missionários vindos de Portugal, Espanha e Itália, até que em 1585 se instalou a custódia de Santo Antônio, com sede em Olinda” (WILLEKE, 1974, p. 8).

A maior parte das missões primevas em solo brasileiro concentrava-se na Região Nordeste como nos atuais estados do Pernambuco, Bahia, Piauí etc., e na Região Sudeste composta dos estados do Rio, São Paulo e Espírito Santo. Essas missões sempre vinham do Leste pelo litoral atlântico. Na Região Norte chegaram frades vindos da região das atuais Venezuela, Colômbia e Peru.

3 O OURO QUE CONGREGA

A colonização da região de Minas Gerais aconteceu de modo relativamente tardio em comparação com o contexto e o litoral brasileiro. O grande estopim dessa colonização se deu por volta dos anos de 1693 e 1695 (quase duzentos anos após a chegada de Cabral) com a descoberta de jazidas de ouro e pedras preciosas na região apelidada de “sertão das Gerais”. A partir desse ponto, emerge um intenso fluxo migratório produzido pela corrida do “ouro”. Não eram raras as disputas entre os bandeirantes da região de São Paulo, que foram os descobridores das primeiras lavras, e os demais aventureiros que vinham principalmente de Portugal, e eram apelidados de emboabas⁸. Por volta do ano de 1709, um grande número de exploradores e aventureiros habitava as regiões das minas, que mais tarde iriam se consolidar como as primeiras vilas. Assim, na primeira metade do sec. XVII, a região se viu amplamente povoada por aventureiros e exploradores em busca do áureo metal. É importante ressaltar que cada novo

¹⁰ Usamos o termo “Famílias Religiosas” para nos referirmos às Ordens Religiosas existentes na época. ⁸ É chamado de “Guerra dos emboabas” o conflito armado entre os exploradores paulistas e os portugueses pelo direito a minerar o ouro.

habitante trazia consigo sua necessidade religiosa que era em grande parte cristã católica. Por sua vez, a fé trazida se expressava nas construções.

Depois de manifestado o ouro, nas Minas Gerais, as buscas se tornaram intensas e o povoamento se fez com extraordinária rapidez. Não havia cascalheira ao longo dos ribeiros, que não fosse examinada. Se o fulvo metal pintava no fundo da bateia do incipiente faiscador, logo surgia um acampamento com seu cruzeiro, logo uma capela e mais um pouco um povoado de nome (LIMA JUNIOR, 1966, p. 53).

Nos períodos anteriores, as missões franciscanas se caracterizavam pela evangelização e catequese dos indígenas, além de cuidar da vida religiosa e sacramental dos colonos aglomerados em torno dos engenhos e da sociedade açucareira. Outras Ordens religiosas como os carmelitas e os jesuítas também possuíam esse estilo de trabalho junto aos indígenas e colonos. A catequese e aldeamentos indígenas em torno das missões eram de grande valia para impedir que os povos originários fossem escravizados por perversos conquistadores.

Com o descobrimento do ouro, surge em Minas Gerais uma nova necessidade eclesial. Com o aumento demográfico, surgem pequenas vilas espalhadas ao longo das margens dos rios e córregos. Quase todas essas vilas se erigiram em torno de um cruzeiro, capela ou igreja. Desse modo, surgem as primeiras paróquias e, posteriormente, as dioceses de Minas.

No princípio, toscas ermidas ou modestas capelas, com materiais precários, geralmente madeira e barro e cobertura de sapé, como os ranchos dos primeiros povoadores. Em seguida, já em taipa de pilão e cobertura de telhas, e anexando novos compartimentos ao cômodo único do período inicial, até chegar à clássica divisão em nave, capela-mor e sacristia colocada lateralmente (CAMPOS, 1985, p. 11).

Vemos, nessas linhas, como o processo histórico de organização social contribuiu para o levante cultural da religiosidade em Minas Gerais, pois os exploradores e garimpeiros, vindos de todos os lados da colônia e de Portugal, traziam a sua cultura religiosa junto com os padrões de arte e beleza que imperavam no “velho mundo”.

4 PRESENÇA FRANCISCANA

Com a nova configuração que a região de Minas Gerais ganha pelo aumento da população, faz-se necessária uma presença de clérigos e sacerdotes para o serviço litúrgico. Chegando ao conhecimento da metrópole, o rei D. Pedro II pede aos superiores das Ordens Religiosas, presentes na cidade do Rio de Janeiro, que enviem missionários para a região ainda desconhecida do “sertão”. Contudo somente os franciscanos aceitam a tarefa evangelizadora.

“A primeira notícia aparece quando estava à frente da província da Imaculada Conceição do Rio de Janeiro frei Boaventura de Jesus no triênio de 1704 a 1707, sendo que a missão ocorreu em 1705” (AZZI, 2012, p. 52).

No entanto surge posteriormente a esse período uma forte rivalidade entre os religiosos e as autoridades da coroa. Isso porque, se em um primeiro momento os religiosos e clérigos diocesanos se recusavam a partir para as Minas, no momento seguinte surge uma grande quantidade deles, pois a promessa de ouro era farta e certa. Clérigos diocesanos e “religiosos de diversos institutos, muitos dos quais não têm no Brasil convento nem casa” (ANTONIL, 1982, p. 228). Atormentados pela apetência do ouro, tal como os leigos, os eclesiásticos, não só os estrangeiros como portugueses, provocaram vários escândalos nas Minas Gerais, referidos em numerosos documentos (ANTONIL, 1982, p. 227 nota de rodapé nº 63). Esses homens, sob suas vestes religiosas, andavam a dar mau exemplo e até foram causa de queixa às autoridades civis. Eles se apossavam das minas e incentivavam a rebeldia e o não pagamento do quinto¹¹. A discórdia foi tamanha até resultar na proibição expressa da entrada de religiosos no território de Minas Gerais por decreto de D. Pedro II em 1705 e confirmado por D. João V em 1709, salvo aqueles que possuíam sua autorização. Mais tarde, D. José I, por influência do Marquês de Pombal expulsa os jesuítas e proíbe a entrada de candidatos ao noviciado das ordens religiosas. Todavia, se por um lado havia a proibição de entrada de religiosos, alguns frades franciscanos, por outro, gozavam de uma especial liberdade junto à coroa portuguesa, em especial com D.

João V.

Apesar do rigor com que a metrópole proibiu a permanência de religiosos nas terras mineiras, foi aberta uma exceção, dando permissão para que os franciscanos, cuja missão era recolher esmolas para a Terra Santa, pudessem estabelecer residências, sob o nome de hospícios ou hospedarias (AZZI, 2012, p. 47).

No ano de 1713, o provincial da província da Imaculada Conceição, Frei Miguel de São Francisco, recebeu de sua majestade, o rei D. João V, uma ordem para construir uma residência modesta e sem caráter conventual nas cidades de Vila Rica, Sabará e São João delRei, para servir de apoio para os frades esmoleres. Esses frades deveriam também trabalhar na pacificação dessas regiões que muito sofreram com a guerra dos emboabas, findada em 1709, mas com graves marcas ainda.

¹¹ Tributo cobrado pela coroa portuguesa sob o ouro extraído nas Minas Gerais.

A Obra Pia da Terra Santa, bem como sua irmandade, é ligada diretamente aos frades franciscanos responsáveis pelo cuidado e manutenção dos lugares sagrados para o cristianismo na região da Palestina, Jordânia e Israel.

Pode-se afirmar, sem receio de exagero, que seus princípios alcançam até o século XIV. Já naqueles tempos remotos, o padre Guardião do Monte de Sião [...] mandava de vez em quando alguns irmãos para angariar esmolas nos países cristãos da Europa, esmolas essas destinadas à manutenção, tão difícil como dispendiosa, dos Santuários da Palestina, ao serviço de hospedagem gratuita dos muitos romeiros, bem como a propagação e conservação da fé católica (ODULFO, 1947, p. 1).

E para adiantar os subsídios e esmolas da Terra Santa e felicitar os seus progressos, não só aqui no reino e corte, mas nos estados da longa América, costuma expedir o secretário de Estado, por ordem do mesmo senhor (dom João V), carta de recomendação de mão própria para os vice-reis e mais governadores da região brasileira [SIC] e para os prelados ilustríssimos dela, todas as vezes que vão religiosos de novo pedir e recolher esmolas por aqueles estados (SANTO ANTÔNIO, p. 406, apud ODULFO, 1947, p. 45).

5 A INFLUÊNCIA DA ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA

A presença dos frades franciscanos, já no início da formação do povo mineiro, acabou por influenciar categoricamente a expressão religiosa de Minas Gerais. Adjunto com a religiosidade oficial da Igreja da época, bem como a liturgia e os sacramentos, cresceu uma expressão popular e devocional com características marcadamente franciscanas. Em grande parte, a maioria das devoções e formas próprias de oração de origem franciscana daquele período chegaram até nós. As expressões ligadas à paixão, morte de Jesus, bem como de Maria, são ou remontam a uma origem franciscana. Em plena Idade Média, quando a Igreja se identificava com o Cristo sacerdote e rei, vestido de túnica e casula, São Francisco se identificou com o Cristo, pobre, nu e crucificado. “A base da espiritualidade franciscana foi sempre o culto de Jesus Crucificado e tudo remonta ao episódio do Alverne e aos estigmas de São Francisco” (LIMA JUNIOR, 1966, p. 55). Sua dor para o *Poverello* de Assis deveria compadecer os corações humanos para reconhecer tão grande gesto de amor. O Barroco e o Rococó, expressões artísticas de maior incidência nas Minas setecentista, souberam aproveitar bem essa forma de espiritualidade própria. Daí surgiram as “Via-Sacras” e as devoções ao Bom Jesus¹² e a Nossa Senhora das Dores. O título mariano de Nossa Senhora das Dores surge com Isabel da Hungria, membro da Ordem terceira.

¹² A devoção ao Bom Jesus é uma veneração/adoração ao Cristo morto e pregado na cruz como gesto de sacrifício, amor e bondade para com o gênero humano.

Santa Isabel, Rainha da Hungria, teve uma aparição na qual São João Evangelista lhe revelou que, depois da Assunção da Virgem, lhe fôra [sic] dada a visão do primeiro encontro da Mãe com o Filho, fora da terra. Segundo o autor que narrou a visão de Santa Isabel, “viu o Discípulo Amado, em espírito, que a Mãe de Deus, com seu amoroso Filho, falava das dores que alternadamente padeceram entre ambos no Calvário” (LIMA JÚNIOR, 1956, p. 87).

O título mariano mais marcantemente franciscano, no entanto, é o da Imaculada Conceição. Tornou-se dogma pelo Papa Pio IX, no ano de 1854, a imaculada concepção de Maria – daí o título de Imaculada Conceição – que foi amplamente defendido pelos franciscanos. Sua imagem traz figuras angélicas aos pés de Maria e se assemelha à imagem de Santa Maria dos Anjos, título da protetora da Ordem Franciscana. Em uma pequena capela com esse mesmo nome, Francisco de Assis inicia o seu movimento que perdura até hoje. Além do mais, o título da Imaculada Conceição se torna muito popular em Minas Gerais, isso por uma questão histórica. Os Reis D. João IV e V, que já citamos anteriormente, traziam como devoção pessoal a Imaculada Conceição. Por isso, Augusto Lima Junior nos narra:

O Duque de Bragança, que mais tarde seria rei de Portugal com o título de Dom João IV, sempre manifestara grande devoção a Nossa Senhora, invocando-a com seu apelido de [...] Lembraram-lhe então, os frades de São Francisco, (que foram em todos os tempos os mais ardentes defensores da pureza inata de Maria) que o novo monarca que restauraria o reino de Portugal em tôda a sua soberania, o dedicasse à Senhora e que fizesse com que todos jurassem defender, sempre, a Conceição Imaculada de Mãe de Jesus (LIMA JÚNIOR, 1956, p. 34).

A festa da imaculada concepção a oito de dezembro era obrigatória e oficial, e no tempo de Dom João V, ordenou este monarca que se a fizesse com grande pompa e respeito, comparecendo as venerandas e capitães-gerais, bem como todas as irmandades e confrarias (LIMA JÚNIOR, 1956, p. 39).

Outra devoção franciscana que chegou a nós por influência das mãos portuguesas é a de Santo Antônio de Pádua, onde morreu, ou de Lisboa, como é preferido pelos portugueses. É provável que a nacionalidade lusitana de Santo Antônio tenha contribuído para ter sido tão popular entre os portugueses e chegado até nós.

Na cidade do Rio de Janeiro, uma das construções mais antigas é o Convento de Santo Antônio, situado no Largo da Carioca. Nessa construção secular funcionou, durante muitos anos, a sede da província da Imaculada Conceição. De lá partiam as ordens que enviavam os frades esmoleres para Minas Gerais. Também na capela desse mesmo convento foi ordenado o primeiro santo brasileiro: Santo Antônio de Sant'Anna Galvão ou simplesmente frei Galvão.

Existe ainda uma espiritualidade e devoção própria dos franciscanos da Terra Santa e que chegou até nós devido à influência dos frades esmoleres. Isso ocorreu porque no começo do século XVII o imperador turco, Solimão, expulsou os frades da Terra Santa ao invadir a Palestina. “Foi quando se cuidou de estabelecer pelo mundo santuários com os passos da Paixão, que logo foram equiparados pelos Pontífices Romanos, com as mesmas graças e indulgências das Peregrinações à Terra Santa” (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 54). Assim, em muitas cidades históricas é possível se encontrar pequenas capelas com os passos da *Via Crucis*; São João del-Rei, Ouro Preto e Congonhas do Campo são alguns exemplos dos mais famosos em Minas.

Além do mais, a devoção ao “Bom Jesus” se apresenta no cerne franciscano. “Foram êsses [Sic] frades que por tôda a Europa, desde o século XIII, erigiram os Calvários, onde se levantavam as imagens do Bom Jesus” (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 54).

Contam-se as crônicas da história, que em meados do século XVIII, iniciava-se em Congonhas do Campo, a construção do Santuário do Bom Jesus de Matozinhos. Figurava como seu principal promotor um jovem analfabeto chamado Feliciano Mendes, membro da Ordem Terceira, que contou com a orientação e ajuda dos frades franciscanos do Hospício da Terra Santa, da cidade de Vila Rica, para construir e enviar requerimentos ao rei e ao bispo do Rio de Janeiro. Feliciano sempre assinava os documentos com uma cruz, conforme faziam os que não sabiam ler e escrever.

Não seria necessário insistir mais nessa presença da direção franciscana no Santuário de Congonhas. Além do traçado típico do modelo italiano de Varalo¹³, com as figuras dos Passos e o Drama dos Profetas, vemos bem no alto da porta principal do templo de Congonhas, os três cravos, que usavam os franciscanos como sinal de sua passagem. Também nos púlpitos estão os três cravos característicos e, sob eles, o urso gótico, símbolo do pecado. Trata-se é claro de um Santuário da Penitência (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 57).

O pesquisador Augusto de Lima Junior lança uma pergunta sobre a formação sociocultural de Minas: “Quem teria criado êsse mundo religioso de consequências sociológicas tão dilatadas e quem, em menos de uma vintena de anos teria transformado bandos de aventureiros selvagens, num corpo civilizado e capaz de uma ordem jurídica? (LIMA JUNIOR, 1966, p. 77). Conseqüentemente, ele mesmo dá a resposta:

Os primeiros arraiais, em maior número, são Nossa Senhora da Conceição. Seguem-se os títulos de Santo Antônio, São Francisco, Sant’Ana, Bom Jesus e Rosário. O interior desses templos tem, além da invocação principal, as imagens da Paixão, Santo Antônio e demais Santos do agiologia franciscana (LIMA JÚNIOR, 1966, p. 77).

¹³ Cidade italiana que sedia um grande santuário franciscano com as capelas dos Passos e as imagens dos profetas no átrio, o que confere grande assemelhança ao santuário da cidade mineira de Congonhas do Campo.

Felix Vernet em seu livro *Les Ordres Mendicants*, assim escreve a espiritualidade franciscana: “A devoção pela humanidade de Cristo, na ordem religiosa, onde esta devoção característica de toda a Idade Média foi tão intensamente praticada, manifestou-se de muitas maneiras. Devoção ao Menino, no presepe, de que São Francisco deu exemplo. Devoção ao nome de Jesus, vulgarizada por São Bernardino de Sena. Devoção à Paixão de Cristo, resumida no exercício do Caminho da Cruz, que introduziram ou ao menos propagaram os Frades Menores, prepostos desde 1342, à guarda dos Santos Lugares, e que tanto popularizou São Leonardo de Porto Maurício. Devoção à Eucaristia, tendo sido São Pascoal, nomeado por Leão XIII, patrono das obras eucarísticas. Devoção ao Sagrado Coração, que teve em São Boaventura, um dos precursores mais tenazes. Os Frades Menores, contra a oposição dos grandes escolásticos, sustentaram pelas palavras de Guilherme de Ware e Duns Scott, seu discípulo, o privilégio da Imaculada Conceição. Heac Glória Scotti. Sob sua influência, a Igreja adotou o Breviário Romano acolheu, as festas da Apresentação de Maria, da visitação, e de Nossa Senhora das Neves. Ainda mais. A recitação depois das Completas, das Antífonas da Virgem, variáveis com a estação. A adição à Ave-Maria, das palavras *Nunc Et In Hora Mortis Nostrae*. A devoção das Sete Alegrias de Maria foi patrocinada por São Bernardino de Sena, que, aliás se inspirara de Humbertino de Casale e de Bartolomeu de Pisa, contribuiu para o progresso da devoção a São José. A devoção a Sant’Ana foi promovida pelos Frades Menores. Seria possível notar outras contribuições franciscanas para a piedade católica. Devoção aos Santos Anjos – o franciscano catalão Francisco Euximenes escreveu, em 1632, o primeiro livro sobre os Santos Anjos e mais devoção das Almas do Purgatório, preparação para morte etc.”.

Nessa síntese de Vernet, encontramos o devocionário mineiro e a inspiração de toda nossa arte dos séculos dezessete e dezoito (VERNET, Felix, citado por LIMA JUNIOR, 1966, p. 78).

Outros nomes de santos também compõem o panteão do devocionário franciscano e mineiro: além de São Francisco e Santa Clara, São Benedito, São Pedro de Alcântara (1º padroeiro do Brasil), Santo Antônio de Categeró, São Gonçalo Garcia, São Pascoal Bailão, São Lourenço de Brindisi, São Luís IX rei da França, São José de Cupertino, Santa Isabel da Hungria, Isabel de Aragão, Rainha de Portugal, São João de Capistrano, dentre muitos outros.

5 A PRESENÇA JUNTO AS IRMANDADES

Além das devoções, outra grande presença dos franciscanos está ligada às Ordens e Irmandades Terceiras de São Francisco ou também intituladas de Ordens Terceiras da Penitência. Estas associações de leigos se compunham de homens e mulheres que, morando e vivendo em suas famílias, buscavam experimentar os valores espirituais de um consagrado religioso, ajudando também a compor o movimento franciscano. As Ordens Terceiras das cidades de São João del-Rei, Sabará e Vila Rica (Ouro Preto) tinham uma presença maior dos frades que trabalhavam nos hospícios da Terra Santa. Outras cidades como o Arraial do Tijuco (Diamantina) e Pitangui já não contaram com a mesma sorte. Sobre a criação da irmandade da

cidade de Ouro Preto encontramos que “no dia 9 de janeiro de 1746 o comissário frei Antônio de Santa Maria na presença do vigário Dr. Felix Simões de Paiva, fundou a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis” (AZZI, 2012, p. 55).

As igrejas pertencentes às irmandades franciscanas deste período revelam o grande legado exercido e deixado por essas instituições. Os valores históricos, artísticos e arquitetônicos desses templos são exemplo do prestígio com que eram revestidas as irmandades. Trabalhou nas igrejas de São Francisco de Assis, tanto de Ouro Preto como São João del-Rei, Mestre Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho, bem como outros grandes mestres e artistas.

As Ordens Terceiras possuem um caráter particular com prática devocional, espiritual e filantrópica. Tais grupos praticavam ações assistenciais junto aos mais pobres, mas sobretudo, possuíam um importante papel na manutenção da fé e espiritualidade. Esse fato se dá porque, nesse período de colonização, a presença oficial da Igreja (representada por um clérigo) era bem restrita. Assim, as irmandades por meio de novenários e momentos de espiritualidade, como a oração do Terço, mantinham a fé reaquecida. É certo que seus membros também gozavam de prestígio social, fato que provavelmente tenha levado muitos a participar de alguma Ordem Terceira, Irmandade ou Confraria, até mais que o sentido da busca espiritual.

Dentro das Ordens Terceiras de São Francisco e da Penitência, surgiram também leigos que buscavam uma experiência eremítica. Esses homens, trajando o hábito próprio de suas Ordens e distinto do hábito dos frades, habitavam lugares ermos e recolhidos. Três experiências eremíticas de terceiros franciscanos resultaram nos mais famosos santuários de Minas Gerais. São eles o santuário do Caraça, o santuário da Serra da Piedade e do Bom Jesus de Matosinhos na cidade de Congonhas do campo, que já citamos antes.

Na Serra da Piedade e na Serra do Caraça, reuniram-se comunidades de irmãos franciscanos para levar uma vida retirada do mundo, na oração e na contemplação; inclusive as mulheres passavam a levar vida de recolhimento em Macaúbas. Por outro lado, nas principais localidades mineiras, como Vila Rica, Vila do Carmo e São João del-Rei os leigos da Ordem Terceira da Penitência construíram templos majestosos para a realização do culto (AZZI, 2012, p. 43).

6 A PRESENÇA EPISCOPAL

Na data de 04 de dezembro de 1748, D. Frei Manuel da Cruz, da Ordem Cisterciense, assume como primeiro bispo da diocese de Mariana como desmembramento em 1745 da diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro. O decreto de criação da diocese foi emitido por Bento XIV por meio da bula *Candor Lucis Aeternae*.

Contudo, nos anos de 1726 a 1727 e 1733 e 1735, esteve presente nas terras das “Gerais” o então bispo do Rio de Janeiro, D. Frei Antônio de Guadalupe. O prelado franciscano foi o terceiro bispo daquela diocese e sua vigorosidade em Minas foi expressa pelas diretrizes deixadas e seu modo marcadamente franciscano de ser. “D. Antônio de Guadalupe foi o primeiro prelado a exercer uma ação expressiva no sentido de organizar a instituição eclesiástica de Minas dentro dos padrões exigidos pelo concílio de Trento” (AZZI, 2012, p. 54). No período entre 1798 e 1817, assume o bispado de Mariana D. fr. Cipriano de São José. Natural de Lisboa, foi visitador¹⁴ e professor em um dos conventos dos frades em Lisboa.

Também foi pregador na capela real durante parte do governo de D. Maria I. À frente de sé de Mariana, Dom frei Cipriano foi um vigoroso prelado e se preocupou com a disciplina do clero e do seminário diocesanos. Ele também empreendeu reformas no palácio episcopal.

No período entre 1819 e 1835, assume outro franciscano: Dom frei José da Santíssima Trindade. O próprio rei Dom João VI propôs seu nome para estar à frente da diocese de Mariana. Ele foi ordenado bispo na capela real do Rio de Janeiro e durante seu episcopado promoveu visitas às regiões que compunham os extremos de sua diocese. Ainda foi alvo de suas preocupações a disciplina eclesiástica dentro do seminário diocesano.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na data de 1808, a família real chega ao Brasil após a tomada de Lisboa por Napoleão Bonaparte. Assim, o Brasil deixa de ser colônia portuguesa e recebe a dignidade de Reino Unido à Portugal e Algarves, iniciando uma nova etapa da formação do povo e da Igreja brasileiros.

O autor Augusto de Lima Júnior propõe que, na formação religiosa de Minas, encontra-se uma unidade formativa que foi promovida pelos franciscanos. De fato, a ausência de outros religiosos, e mesmo do clero diocesano, acabou contribuindo para que a religiosidade mineira fosse marcadamente franciscana. Isso demonstra como a parca presença dos frades esmoleres dos Hospícios da Terra Santa contribuíram para a evangelização e manutenção da fé no sertão mineiro.

Vemos que o nosso tema esbarrou com um velho princípio do anonimato franciscano. Isso porque apesar de tanta influência, quase não se tem registros do trabalho desses frades. Pois estes não queriam ser lembrados e reconhecidos. Assim, a maioria das informações sobre os franciscanos no período colonial mineiro advém por terceiros ou por escritos oficiais de

¹⁴ Responsável por visitar uma região ou convento em nome do Ministro Geral.

registro. Suas rotinas e laços afetivos ficam parcamente na obscuridade. Mas fato é que suas marcas se expressam firmes nas igrejas, casas e oratórios, e claro, no coração do povo mineiro. A Ordem dos Frades Menores marcou a forma da Igreja mineira. Se os filhos de Francisco de Assis não tivessem atravessado o mar, com toda certeza a religiosidade presente nas terras do ouro e pedrarias seria expressivamente outro. Seja pela ação dos frades ou dos leigos no período colonial, a Igreja Católica pôde sustentar a fé de seus membros, mas também permitiu que as instituições futuras pudessem encontrar aqui um território fértil e devoto.

REFERÊNCIAS

- AMADO, José de Sousa. **Historia da Igreja Catholica em Portugal e domínios**, na África, América, Ásia, e Australasia: desde Pio III 1503, até Leão XI 1605. Lisboa: Typographia Portugueza, 1876.
- ANTONIL, André João. **Cultura e opulência do Brasil por suas drogas e minas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP), 2007.
- AZZI, Riolando. **História dos franciscanos da Província Santa Cruz**: da chegada dos primeiros missionários holandeses em 1899 até 1948. Belo Horizonte: Província Santa Cruz, 2012. v.1
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2007
- BOSCHI, Caio C. (Org.). **O cabido da Sé de Mariana (1745-1820)**: documentos básicos. Belo Horizonte: PUC Minas, 2012.
- CAMPOS, Paulo Mendes (coord.). **Mariana: arte para o céu**. Belo Horizonte: Comissão Pró - restauração da Catedral e Órgão da Sé de Mariana, 1985.
- IRIARTE, Lázaro. **História Franciscana**. Petrópolis: Vozes. 1985
- LA CUSTODIA DE TIERRA SANTA. Jerusalém: Ediciones Custodia de Tierra Santa, 1981
- LIMA JÚNIOR, Augusto de. **História de Nossa Senhora em Minas Gerais**: origens das principais invocações. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1956.
- LIMA JUNIOR, Augusto de. **Arte religiosa**. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1966.
- MANSELLI, Raoul. **São Francisco**. Petrópolis: Vozes, 1997
- MERLO, Grado Giovanni. **Em nome de São Francisco**: história dos frades menores e do franciscanismo até inícios do século XVI. Petrópolis: Vozes, 2005.
- ODULFO, Frei. **A Obra Pia da Terra Santa**, 1ª parte, 1615 – 1735 (Extrato da revista “Santa Cruz” ano IX (1944) nº 4. Páginas 54 e seguintes). Divinópolis, 1947.
- RODRIGUES, André Figueiredo. **O clero e a conjuração mineira**. São Paulo: Humanitas, 2002.
- SANTO ANTÔNIO, Frei João Baptista de. Paraiso seráfico, plantado nos santos lugares da redenção I. In: ODULFO, Frei. **A Obra Pia da Terra Santa**, 1ª parte, 1615 – 1735 (Extrato da revista “Santa Cruz” ano IX (1944) nº 4. Páginas 54 e seguintes). Divinópolis 1947. p. 45.
- TEIXEIRA, Frei Celso Márcio. **Fontes Franciscanas e Clarianas**. Petrópolis: Vozes/FFB, 2008.

VERNET, Felix. In: LIMA JUNIOR, Augusto de . **Arte religiosa**. Belo Horizonte: Editora São Vicente, 1966. p. 78.

WILLEKE, Venâncio. **Missões Franciscanas no Brasil (1500/1975)**. Petrópolis: Vozes, 1974.